



# MUSEU AO VIVO



JORNAL DO MUSEU DO ÍNDIO - RJ - Órgão da Fundação Nacional do Índio  
ANO II - Nº 04 - OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO/91



Foto: Rita Carneiro



Foto: Rita Carneiro



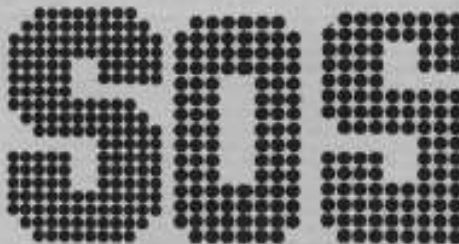
Foto: Lantzoza

**S**ob orientação do sertanista e atual presidente da Funai Sidney Possuelo, na época chefe da Coordenadoria de Índios Isolados,

os Arara do rio Iriri foram contatados, na década de 80.

O grupo, de língua Karib, tem, aproximadamente, 30 índios vivendo isolados desde a construção de Transamazônica.

Entrevista com Sidney Possuelo na pág. 1.



## MUSEU DO ÍNDIO

Editorial Pág. 2

**O** Museu do Índio foi criado por Darcy Ribeiro, em 1953, para se constituir numa instituição contra o preconceito e divulgar, junto à sociedade nacional, a diversidade e a sofisticação da cultura indígena. Paralelamente, apresentava-se como sua atribuição a elaboração de pesquisas de caráter etnográfico e antropológico sobre os diversos povos indígenas, sendo criado, para tanto, ainda na década de 50, o 1º curso de pós-graduação em Antropologia com o objetivo de formar especialistas nesse campo de conhecimento.

Contudo, ao longo dos seus quase 40 anos de existência, o Museu do Índio vem sofrendo, como efeito de sucessivas políticas governamentais discricionárias, danos quase que irreparáveis, o que compromete o funcionamento e eficácia da instituição.

Desde sua instalação à Rua das Palmeiras, em Botafogo, o Museu do Índio enfrenta problemas relativos às condições físicas do prédio e ao espaço para a execução de suas atividades.

Nos últimos anos a situação tem-se agravado consideravelmente. Além das perdas do acervo, dada a inadequação de suas instalações, ocorreu também uma descaracterização nas suas finalidades essenciais.

Essas dificuldades poderão, em grande medida, ser resolvidas com a restauração e adaptação do prédio que ocupa e dos anexos existentes no mesmo terreno, que permitirão a realização de um intenso programa de revitalização da instituição como um todo, devolvendo e reforçando

o papel relevante que sempre lhe foi reservado no panorama cultural e científico, nacional e internacional.

A restauração do Museu do Índio propiciará, assim, as condições adequadas de funcionamento, tanto do ponto de vista museológico, quanto como centro de documentação e de estudos científicos.

A partir da recuperação física e do equipamento, o Museu oferecerá ao público um acervo bibliográfico único sobre Antropologia e uma documentação sobre política indigenista referente à atuação do antigo Serviço de Proteção aos Índios. Será montada também uma grande exposição de arte indígena com peças das valiosas coleções que o Museu abriga e conserva através de seus setores especializados.

A concretização desse projeto se torna urgente em face da realização, no próximo ano, de II Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e Desenvolvimento, quando o Museu será, sem dúvida, centro de referência para informações sobre os povos indígenas, além de cenário privilegiado para eventos e cerimônias com essa temática.

Além disso, cabe ao Museu dotar os povos indígenas de instrumentos para a recuperação de sua cultura e de seus direitos históricos, devolvendo a essas populações documentos, peças e outros registros que possibilitem o resgate de informações básicas e, em alguns casos, a reconstrução de sua organização e etnicidade.

É, pois, prioridade do Museu do Índio a sua recuperação física, aliada à retomada de suas atividades de resguardar, divulgar, refletir e devolver informações sobre os grupos indígenas.



Foto: Lambóca

**As** precárias, ou mesmo inexistentes, instalações técnicas, elétricas, hidro-sanitárias, de comunicações, segurança e climatização são responsáveis pelo elevado risco a que estão submetidos os acervos da instituição.

Foto: Lambóca



## MUSEU AO VIVO

Jornal do Museu do Índio, órgão da Funai, vinculado ao Ministério da Justiça.

- Publicação trimestral
- Jornalista: Cristina Botelho, reg. prof. 18.678
- Consultoria Técnica: Maria Elisabeth Bava Monteiro (Antropóloga)
- Técnica de Laboratório: João Domingos Lambóca
- Produção: Jotaneis Edições
- Distribuição gratuita - Nº 04 - outubro/novembro/dezembro/91
- Tiragem: quatro mil exemplares

• Museu ao Vivo: editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio, Rua das Palmeiras, 85 - Botafogo - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22.270 - Telef.: 289-8998 a 289-2097 - Fax: 289-0845 - Telex: 37091.

## Opinião - Tito Bawaebeg

Em junho de 1992, o Rio de Janeiro irá tornar-se o centro das atenções de todos os povos preocupados com a qualidade de vida em todo o planeta. De acordo com o canadense Maurice Strong, Secretário Geral da Conferência da Rio-92, esta será a melhor e talvez a última oportunidade para que, aqueles que não possuem consciência e credulamente nos seus interesses imediatistas, possam dar uma nova ética planetária, que tenha a respeito o meio ambiente e o direito da minoria étnica e de outros grupos passados da fauna e da flora. Cada vez mais se faz imperioso pensar que existe uma correlação direta entre toda a forma de vida na Terra, sejam elas animais ou vegetais. A existência constante de espécies de uma ou outra forma de vida representa a harmonia como um todo. A morte de alguma delas gerará ou do último habitante de uma floresta qualquer, ou da última avechinha de pé, significa uma destruição e, assim de que a espécie humana, em seu fito antropocêntrico, perdeu o contato com seus valores reais e éticos mais básicos. Nessa atropelada e precipitada marcha de uma civilização que necessita deve fornecer antes que seja tarde demais.

A Conferência do Rio, também conhecida como ECO-92, não expor ao público, não somente os graves danos que estão ficando sob, que é a eterna luta entre a necessidade de desenvolvi-

mento e a fundamental importância de preservar nossa responsabilidade pelo respeito à biodiversidade, como também servir para denunciar os inúmeros crimes ambientais, que, no Brasil ou em outros países, continuam contra a sobrevivência visando aos interesses pessoais.

No Brasil, todos espôndicos e legítimos levantamos contra a Conferência e contra qualquer tipo de discussão. Garis que preferir o curso da ignorância, onde poderão existir ecososos seus interesses, ecosos, pois somente de discussão entre as partes e que poderá sair o consenso. Devemos ter em mente que somos responsáveis, como hospitários da Conferência e não apenas de participantes de todos, que é a Flóresça Amarela, de condutores nosso posição para uma longevidade de objetivos. Vinde pensar, não somente os direitos da minoria étnica, que são todos povos indígenas, mas também nossa dignidade animal e vegetal. Desta forma sim, poderemos alcançar os que de todos os países do mundo e do sul compreendido Planeta Amado. Preparo-nos para testemunhar, em junho de 1992, o que poderá vir a ser a pedra fundamental de uma nova era de crescimento econômico com mais qualidade de benefícios para todos os cidadãos de Vida na face da Terra.

\* Jornalista e Assessor da Funai.

## PERFIL

Carlos de Araújo Monte Neto é o nome diretor do Museu do Índio. Exerceu, anteriormente, as funções de Superintendente (1963-1964), o cargo de assessor para questões etnológicas do extinto Serviço de Proteção aos Índios - SPI. Depois, ainda, as funções de chefe do Departamento de Antropologia do Museu Pezanni Emílio Godin e no Instituto Indigenista Interamericano (OEA/México), além de ser habilitado do CNPq, membro da American Society of Ethnohistory e colaborador do projeto de História da Igreja no Brasil da Comissão de História da Igreja na América Latina - CEHIA.

Em seu currículo, traz os títulos de bacharel em Direito, doutor em Ciências Sociais (Antropologia) e especialista em Etnohistória, tendo produzido vários trabalhos, como "A Política Indigenista Brasileira durante o Século XIX" (tese de doutorado) e "Índios da Amazônia: a matéria e a história (1750-1850)". Recentemente, escreveu, em colaboração com Darcy Ribeiro, "La Fundação de Brasília: Testemunhos (1320-1380)", para a Editora Aracê, Caracas.

No âmbito de 50, Carlos Monte Neto teve trabalhos junto a diversos grupos indígenas, principalmente com os Guaraní / Kayapó desde os primeiros contatos com a sociedade nacional.

Entre 1975 e 1976, o atual diretor percorreu o País coletando a documentação diversa pelas unidades da Funai relativas ao período de atuação do SPI. Essa iniciativa possibilitou a implantação, em 1976, do Centro de Documentação Etnológica (Setor de Documentação) no Museu do Índio.

# DESTAQUE

Evento preparatório para a Rio-92



## ENCONTRO SOCIEDADES INDÍGENAS E MEIO AMBIENTE

Realização: Museu do Índio

Apoio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Comitê Intertribal - 500 Anos de Resistência

Data: 19 e 20 de novembro de 1991.

Local: São Conrado Fashion Mall / RJ

(Estr. da Gávea, 899, 1º Piso / Paço Central, Largo de São Conrado)

### PROGRAMAÇÃO:

#### Dia 19 - ÍNDIOS E ECOLOGIA

Palestrantes: Tito Rosenberg (jornalista) e liderança indígena

#### Dia 20 - TERRA E TERRITÓRIOS INDÍGENAS

Palestrantes: Sidney Possuelo (Sertanista e Presidente da Funai) e liderança indígena

### ENTRADA FRANCA

Informações pelos telefones 298-8899 e 286-0845 (Assessoria de Comunicação Social / Museu do Índio)

## EMPRESA LEÃO JÚNIOR PRESERVA MATAS NATIVAS

A Leão Júnior S.A., maior produtora de chá mate a granel da País, já na década de 70 começou a se preocupar com a questão da preservação ambiental, dando início a seu programa de reflorestamento de três mil hectares de terras. A maior parte dessa área está reservada a plantas nativas.

A erva-mate misturam-se árvores como pinheiros e imbuías em mata fechada no oeste do Paraná. Neste ano, foram plantadas 300 mil mudas de erva-mate. Em 1992, deverão ser 450 mil. Cerca de 2,5 milhões de mudas são produzidas nos três viveiros da empresa, localizados no Paraná e em Santa Catarina.

Resgatar as matas nativas do Paraná é um projeto ambicioso da Leão Júnior S.A. A história da empresa, que domina 77 por cento do mercado brasileiro de chá mate, caminha lado a lado com a defesa da ecologia. "Preservar as matas é fundamental para o equilíbrio do meio ambiente e é economicamente bom", afirma Antônio Carlos Leão, vice-presidente da empresa Leão Júnior.

## EM FOCO MUSEU DO ÍNDIO PRODUZ VÍDEO SOBRE ÍNDIOS GUARANI DE BRACUL



Foto: Museu Gilletti Moraes

O Setor de Antropologia Visual do Museu do Índio coloca à disposição das instituições interessadas para empréstimo o vídeo "Em busca da terra sem males - Os Guarani de Bracul" de Maria Guretti Moreira e Sheila Sá, cor. PAL-M, 12 min.

O documentário, exibido na 43ª reunião anual de SBPC, registra o cotidiano da Área Indígena Guarani de Bracul, no Município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, onde vivem cerca de 200 índios, numa área de 700 hectares, em processo final de regularização.

## ENTREVISTA COM

SIDNEY POSSUELO

MV) Qual a orientação que vem sendo dada à política indígena desde que o senhor assumiu a presidência da Funai?

R - É uma política voltada, principalmente, para a questão da terra. Não sabemos o quanto o atendimento das demandas de terras indígenas, evidentemente que tem sido paralisado por um apelo administrativo da Funai. Entretanto, em face da circunstância e do problema acumulados durante tanto tempo, não é possível atacar tudo isso ao mesmo tempo. Não obstante, por isso, no momento, mais preocupados e voltados para as questões de defesa e demarcação das terras indígenas.

MV) Discute-se muito sobre a questão Yanomami. No entanto, outros 200 grupos indígenas continuam lutando por sua soberania física e cultural, principalmente no do Nordeste e leste do Brasil. Como a Funai avalia essa situação diante dos novos direitos constitucionais dos índios?

R - Com relação a questão Yanomami, há uma pressão do sentido de que Yanomami não é o único grupo indígena brasileiro. Não temos perfeita consciência disso. Entretanto, a importância da situação Yanomami e por serem índios isolados praticamente sem atendimento, compõem-se imediatamente nessa questão porque se outro, embora também com grandes problemas de terra, sobrevivência, saúde, etc. de alguma forma podem

se desenvolver, utilizar-se de repatriações, etc. a Brasília. O Yanomami e outros grupos têm mesmo sentido, se não são formas mais de manifestação, eles mesmos existentes na mata. É uma questão só de prioridade e, logo que reconhecer a situação na área, voltaremos a debater mais rapidamente as mesmas situações.

MV) Como funciona a Comissão de Defesa dos Direitos Indígenas - CDDI criada pelo senhor em agosto deste ano? Já há algum resultado?

R - A Comissão foi criada para ouvir todo o tipo de denúncia. Qualquer pessoa, índio ou não índio, pode ir lá fazer uma denúncia. O CDDI, assim que chegava a denúncia, processa e transmite as informações e vai até fora da Funai, em outros estados buscar respostas e elucidar questões. Com haja necessidade de investigação ou defesa dos interesses indígenas, trata uma outra parte, que não é do CDDI, a Defensoria Indígena, que foi criada depois da Constituição. A Defensoria avalia as opções de índio para que ele possa se defender.

MV) O Estatuto do Índio tem hoje uma nova redação. Quais as alterações significativas em relação ao primeiro? Como o senhor vê a aprovação desse Estatuto pelo Congresso Nacional?

R - A aprovação do Estatuto pelo Congresso

Nacional é uma conquista. O Estatuto pode entrar em qualquer tipo de projeto de lei. Já dentro e ele se transformado de forma a entrar amargo e não coe-rota ou vice-versa. É uma conquista, mas esperamos que as novas parlamentares sejam bastante sensíveis à causa indígena. Por outro lado, o novo Estatuto deverá lidar em pontos básicos, com a situação das terras indígenas e a questão da etnoarqueologia e etnia. São pontos-chave que deverão ter uma visão diferenciada na realidade que a própria Constituição já trata o assunto de forma diferente da anterior. Nossa preocupação é no sentido de que sejam mantidos mecanismos especiais que garantam a proteção dos constituintes indígenas e o fortalecimento do órgão encarregado de assistir a estas comunidades.

MV) Qual a sua expectativa em relação a atuação do Museu do Índio enquanto órgão científico cultural da Funai?

R - O Museu do Índio é uma unidade da Funai de natureza interdisciplinar. Pense que ele não deve ser um lugar repositório de peças antigas e não somente em questão de história. O Museu tem outro papel, como instituição científica e de auxílio a problemas práticos da Funai. Assunto que principalmente com o professor Carlos Moreira Neto, que agora morará no Museu - ele é um dos pais dessa criação junto com o antropólogo Darcy Ribeiro - entre objetivos serão atingidos. Ele tem

uma visão de homem de ciência e homem social e é apoiado pela causa indígena, por isso, acho que conseguirá regular para o Museu do Índio aquilo que ele foi perdendo ao longo do tempo. A Funai foi perdendo as suas atividades fundamentais e sua credibilidade. Tudo isso deve entrar num novo ritmo de cooperação com Cybys Moreira Neto.

MV) Como a Funai está se preparando para a Rio-92?

R - A Funai se prepara em dois níveis. O nível oficial, apesar pouco de nós. A nossa atividade fundamental no Rio 92 está ligada ao Museu do Índio. O Museu é a única unidade da Funai exposta numa circunstância no Rio de Janeiro, onde acontecerá a Conferência. Desta forma devemos preparar o Museu do Índio na medida das possibilidades de que conseguimos e dos esforços para estruturá-lo financeiramente e colocar à disposição das pessoas que estiverem no Rio, durante a Conferência informações sobre o Índio brasileiro. Assunto que o Museu deve, como trabalho, desenvolver sua ação em palestras, exposições, filmes, documentários e trabalhos que possam ser colocados à disposição do público.

Sertanista e Presidente da Fundação Nacional do Índio

# PESQUISA INDÍGENA

\* José Carlos Lovato

Entrevista pela primeira vez entre os Parintintins, em 1987, fazendo parte de uma equipe do FUNAI, com o objetivo de iniciar o processo de regularização administrativa de suas terras. No levantamento realizado constatamos a presença de 149 índios dentro dos limites do território tradicional que se estende do baixo Ipiranga até o rio Machado, incluindo a foz do rio Ipiranga e a parte superior do rio Mucui, região do arribado Madeira, nos estados do Amazonas e do Rondônia. Através desse trabalho, realizado em conjunto com o antropólogo da Universidade de Illinois, Wac Kluckh, que iniciou pesquisas junto a esses índios em 1967, propomos a criação das áreas indígenas Ipiranga e 9 de Janeiro, as tão aguardadas.

Logo que começamos os estudos junto aos Parintintins, chamamos atenção o intenso processo de mudança a que foram submetidos. Eles adotaram vários costumes do segmento da população brasileira com a qual estão em contato desde 1922. Todos utilizam a português para se comunicar, além de sua língua materna, o tupi kagwahô. Para uso de roupas e de diversos utensílios adotados. Foram empregados na economia regional, desenvolvendo atividades artesanais e de coleta de produtos naturais. Mas, por outro lado, ao longo do casamento, a escola da chefia, as relações entre sogra e genro, a filiação clássica, a organização das atividades de subsistência e economia, a noção de posse da terra, em situações a partir das quais pertencem à sociedade Parintintina.

E como afirmar que, mesmo tendo sofrido mudanças, não deixaram de ser um grupo distinto do nacional, com características e socialidades próprias. Esta peculiaridade, comum a diversos grupos indígenas de origem restrita e relativamente a uma experiência de contato histórico, foi a que nos motivou a realizar o estudo das relações entre os Parintintins e a sociedade brasileira.

O nosso objetivo sempre foi apontar as estratégias utilizadas pelos índios para sobreviver às situações impostas pelo contato. Ou seja, a partir das opções e respostas encontradas pelos Parintintins, tentando-se perceber de que modo a sociedade sobrevive ao processo de transformação por ela vivenciado. Deste modo, pretendemos mostrar que as mudanças sofridas por um povo que sobrevive ao contato nada mais são do que um grande esforço para sobreviver existindo, no caso, enquanto Parintintins.

Dessa pesquisa decorre a oportunidade de obtenção, substancialmente sobre o modo de vida atual de um grupo indígena, um novo material de identificar suas reais necessidades. Os seus resultados repercutem para os índios através de trabalhos, já iniciados, na área de saúde e educação.

\* Antropólogo do Setor de Ecologia do Museu do Índio



Índios PARINTINTIN, Posto de Pacificação Rio Madeira/SP

Foto: Carmão Rodon, 1925.



Índios Parintintins, Rio Ipiranga/AM, 1985.

Foto: José Carlos Lovato



## USANDO A TRADIÇÃO E ABUSANDO DA QUALIDADE



Santificando ritos e discursos, a nova identidade visual do Museu do Índio é representada por um padrão de desenho conhecido dos Kadwéts (MS). A marca é o principal motivo decorativo do grupo, usado na pintura de corpos. Avel, Kadwéts, é a semente do comércio.

Comunicamos alterações nos números dos telefones do Museu do Índio:

Setor Pedagógico e Biblioteca: 286-7745  
Setor de Documentação e Antropologia Visual: 286-0399  
Assessoria de Comunicação Social: 286-8899  
Secretaria: 286-2097 e 286-0845 (FAX)

### COMITÊ Tribal — 500 anos de Resistência

A criação do Comitê Tribal — 500 Anos de Resistência expressa a estabilização indígena diante do processo de destruição da natureza.

Trata-se de uma organização para debater, propor e decidir as reivindicações dos povos indígenas ante à sociedade nacional, principalmente o direito de viverem em suas terras originárias.

O Comitê Tribal é o representante dos grupos indígenas brasileiros durante a celebração

do Rio-92. Para isso, está organizado a Conferência Internacional Indígena que acontecerá de 18 a 24 de maio de 1992, no Parque Indígena do Xavante, com o objetivo de analisar a questão "uma artefactual e desestruturadamente auto-sustentável em modo quanto às necessidades do mundo moderno". Estarão presentes cerca de 500 índios brasileiros e estrangeiros. O alojamento será construído, na área do Machão da Ponte Branca, em Jacupiranga, de Severina a abril de 1992, por 75 dias.

IMPRESSO